



**FELIZ NATAL!**

Apesar de todo o sofrimento,  
de toda a violência,  
de todo o abandono  
que pesam sobre nossa querida e sofrida Baixada Fluminense,  
desejamos a todas as irmãs e a todos os irmãos  
de nossas comunidades eclesiais de base,  
de todas as nossas paróquias  
um Feliz Natal, com as graças do Senhor  
e um Ano Bom, marcado do amor de  
Jesus Cristo.

De todo o coração seus irmãos

† Adriano, bispo diocesano  
P. Renato Stormacq CICM, vigário-geral  
P. Luís Costanzo Bruno CEIAL, vigário-geral  
P. Manoel Monteiro Carneiro, chanceler

Natal de 1989  
Ano Bom de 1990

**O QUE ESTÁ POR DETRÁS?**

*Adriano, bispo diocesano*

1 — Não é só O Dia, de quem se dizia que, amarrotado, corria sangue. Hoje corre sangue também da grande imprensa. Já na primeira página, em artigos breves ou em chamadas, predominam de longe os temas: corrupção, sexo, violência, vontade de poder, dinheiro, drogas. São temas profundamente ligados. Não culpamos a imprensa por comunicá-los. A vida

que se oferece aos nossos olhos é isso mesmo. O espírito do mundo é esse. Certo, a grande imprensa traz, nas páginas internas, muitos outros assuntos misturados com os temas da primeira página. Mas a impressão predominante é que os temas negativos são quase a matéria-prima do noticiário, porque de fato são a matéria-prima da vida social.

2 — Não imaginemos que nos tempos passados não teria havido os males que nos afligem. O Evangelista

S. João, olhando o seu tempo e todos os tempos, tenta caracterizar o espírito do mundo, em oposição ao espírito de Deus, com as palavras: "Porque tudo o que há no mundo — concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba de vida — não vem do Pai mas procede do mundo" (1Jo 2,16). Concupiscência da carne ou sexo, concupiscência dos olhos ou ambição de possuir riquezas e soberba da vida ou vontade de poder são de fato as matrizes de todas as desordens morais, de toda corrupção, de todo pecado.

3 — Foi sempre assim. É assim. Será sempre assim. Mas há uma novidade nos tempos de hoje: é a fácil comunicação de todas essas misérias morais, de tal sorte que os meios de comunicação nos dão a notícia do Mal que acontece na nossa comunidade, no nosso Estado, em nosso país, em qualquer país do mundo. Somos assim envolvidos numa rede de maldade que, se não tivermos anticorpos da Fé, da virtude, da formação, do caráter, facilmente nos deixamos seduzir. É bom lembrar que muitos meios de comunicação — revistas, filmes, livros, programas de televisão etc. etc. — não se contentam em veicular notícias da maldade, mas são eles mesmos mestres da maldade, educadores do pecado.

4 — Aos poucos são discutidos, depois negados, enfim destruídos certos valores naturais e certas vir-

tudes aceitas e praticadas pela sociedade que era ou se dizia cristã. E aí temos a guerra contra o casamento como instituição divina ou de direito natural, aí temos a defesa do aborto por todos os meios. Na revista Isto é-Senhor desta semana pode-se ler uma entrevista da feminista americana Molly Yard, 80 anos, que depois de muitas campanhas válidas, como defesa de judeus participarem de clubes fechados, guerra ao desemprego, luta por casas baratas, lutas em favor dos negros etc. — assumiu agora a coordenação de uma campanha nacional "para garantir o direito ao aborto por parte de todas as mulheres dos Estados Unidos". A revista põe em destaque uma frase da líder feminista americana: "No aborto precoce perdem-se apenas algumas colhechas de células".

5 — Como podemos entender o "espírito do mundo"? Somente a partir do espírito de Deus que se revelou ao seu Povo escolhido — Israel — e fez culminar e concluir definitivamente a sua Revelação em Jesus Cristo. Faltando-nos a referência a Deus, a Jesus Cristo, a um valor transcendente, só pode sobrar a referência do homem a si mesmo. E aí estão abertas as portas para todas as transgressões de valores, para todas as maldades e para todos os absurdos. O homem destrói Deus (tenta fazê-lo), para se entronizar como deus. É isso o que está por detrás de todas as desordens morais.

## A SITUAÇÃO DO LÍBANO

*Adriano, bispo diocesano*

Não é casual que entre os principais candidatos à presidência do Brasil estejam presentes dois descendentes de libaneses. Isso mostra a pujança da presença do Líbano na comunidade nacional.

Todos nós temos recordações de colegas libaneses em nossa infância. Todos chamemos a capacidade de empreendimento desses chamados (sem claro conceito das diversas nacionalidades árabes) "turcos", "sírios", "árabes", "libaneses", não só capacidade comercial, mas também uma extraordinária capacidade de integração misturada com uma tocante fidelidade às origens pátrias.

Libaneses — temo-los entre nós aos milhares: católicos, ortodoxos, maometanos, unidos no amor comum ao Brasil e ao Líbano.

Já se disse que Beirute, a capital do Líbano, parece um pedaço de Brasil plantado no Oriente.

Diante da tragédia que tem pesado sobre o Povo libanês há cerca de vinte anos, é impossível que o Brasil fique indiferente. Temos um dever de gratidão profunda para com o Povo libanês que nos últimos decênios, praticamente desde o princípio do século, valiosamente tem contribuído para o crescimento e desenvolvimento do Brasil.

Nos últimos anos a assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil recebe, em Itaici, uma forte delegação de libaneses — nascidos no Líbano ou no Brasil — que vem prestar homenagem aos bispos brasileiros e celebrar conosco a Santa Missa, sob os olhos de um estandarte com a imagem de Nossa Senhora, Rainha do Líbano. Também no episcopado brasileiro há alguns descendentes de libaneses. Compreendemos assim por que o Conselho Permanente da CNBB — nisto, certamente poderá contar com o apoio de todos os bispos brasileiros — escreveu ao Presidente da República uma carta que trata

do Líbano e merece ser conhecida por todos os nossos irmãos na Fé Católica. Eis o texto integral da carta: "Excelentíssimo Senhor Dr. José Sarney, DD. Presidente da República Federativa do Brasil A Paz de Cristo.

Nós, membros do Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunidos em Brasília, nos dias 22 a 25 de agosto, associando-nos ao angustiante apelo da Comunidade Libanesa do Brasil, vimos solicitar o empenho do Governo de nosso país, junto à comunidade internacional para o restabelecimento da situação de direito, da autodeterminação e da paz do Líbano.

Já, de há muito, com efeito, o mundo inteiro estarecido acompanha os acontecimentos dolorosos que oprimem e vêm destruindo essa nação. Ao encaminhar a Vossa Excelência o grito desse povo amigo, exposto a uma verdadeira destruição, num autêntico genocídio, secundamos a posição assumida pelo Santo Padre o Papa João Paulo II que, em recente e veemente pronunciamento, pediu o cessar-fogo, a retirada das tropas de ocupação e até mesmo se propõe ir pessoalmente ao Líbano, como contribuição sua para a solução do conflito.

Entendemos que neste momento, o Brasil, como membro das Nações Unidas, não poderia omitir o gesto corajoso de solidariedade em favor do povo irmão e vítima de tantas atrocidades, do qual descendem milhões de brasileiros.

Nós, como brasileiros, cristãos e bispos, convictos de que a solidariedade é o novo nome da paz, esperamos que Vossa Excelência use de todos os meios diplomáticos para ajudar o povo libanês a conquistar sua liberdade e a paz.

Deus proteja Vossa Excelência. (Brasília, 25 de agosto de 1989)"

Seguem as assinaturas dos bispos do Conselho Permanente.

## NA VÉSPERA DAS ELEIÇÕES

*Adriano, bispo diocesano*

Eleições gerais fazem parte da Democracia. Oferecem ao Povo ocasião de participar no processo social. Mostram o grau de maturidade cívica de um país e a solidez das estruturas político-partidárias. Trazem à luz do dia a grandeza ou a mesquinhez dos partidos e dos candidatos.

Isto vale também para o Brasil de hoje que, a duras penas, em meio a todo tipo de surpresas e de contradições, vem reconquistando o direito de eleger os seus dirigentes e os seus representantes.

Temos de verificar em primeiro lugar que a ditadura militar interrompeu um processo democrático que, apesar de todos os graves defeitos, ia-se desenvolvendo a pouco e pouco. Foram defeituosas as eleições que nos deram nossos presidentes, nossos governadores, nossos prefeitos até 1964, mas assim mesmo contribuíram para fazer crescer a consciência democrática do nosso Povo.

Lembramo-nos ainda muito bem do entusiasmo popular que levou à presidência o sr. Jânio Quadros, com sua pregação carismática, sua vassoura e o resto.

Lembramo-nos, talvez melhor ainda, da decepção nacional quando, após oito meses de Governo, o presidente renuncia, deixando uma declaração ambígua que, até hoje, não conseguiu explicar satisfatoriamente.

Lembramo-nos e sentimos, ainda agora, na carne as conseqüências da renúncia frustrante daquele que merecera, por seus antecedentes políticos, uma votação consagradora.

E veio a intervenção militar, amparada pelos mais diversos setores da sociedade (inclusive a Igreja), a pretexto de afastar o perigo comunista, de combater a inflação e a corrupção.

E veio, cada vez mais acentuado e mais duro, o Governo dos generais, escolhidos nos conchavos dos quartéis e sancionados formalmente por um grêmio eleitoral escolhido a dedo, para "eleger", em formidá-

vel farça política, o candidato único imposto pela cúpula militar. Ressalte-se no entanto o aspecto menos negativo: os poderosos gerais eram substituídos de quatro em quatro anos.

Assim passamos 21 anos de frustrações, de terror, de aparente Democracia, de progresso unilateral, de sofrimento, de aparente solução dos problemas básicos de nossa Pátria. Até a explosão pacífica e convincente do "Movimento Diretas-Já". Reconheçamos também que entre os militares, muitos cansados e desgastados pelo exercício de um poder impopular, insatisfeitos com o insucesso do combate à subversão, à inflação e à corrupção, foi crescendo o desejo de reentregar o poder aos civis. O Presidente Geisel assumiu decididamente a bandeira da redemocratização gradual, contra a vontade da linha dura. Seu sucessor o Presidente Figueiredo não teve como voltar atrás. O "Movimento Diretas-Já" apressou a dura caminhada para a Democracia. Veio a eleição do candidato civil Tancredo Neves. Veio inesperadamente a frustração nacional com a morte do presidente eleito. Veio a posse do presidente José Sarney. E o resto que temos vivido e estamos vivendo. Chegou ou voltou a Democracia?

Temos de convir em alguns pontos. Os longos anos do Governo militar provocaram involuntariamente um crescimento no processo de conscientização política do Povo. E nesse processo a Igreja exerceu um papel relevante. Infelizmente a lei dos partidos deixou portas abertas para a multiplicação dos partidos, mais de 40, a maioria com expressão local de interesses mesquinhos. A lei eleitoral, pretendendo ser democrática, permitiu, com a multiplicação dos partidos, a proliferação de candidatos — 22 candidatos à Presidência de República aprovados pelo TSE dos 37 que foram propostos.

Nossas eleições denunciam claramente os defeitos graves de nossas elites dirigentes. Apesar de tudo crescemos na direção da Democracia.

## DIFERENÇAS CRUCIAIS

*Adriano, bispo diocesano*

O Jornal do Brasil (05-09) deu espaço generoso ao desastre: um caminhão, carregado de papaias, virou na Avenida Brasil, na pista que vai para o Rio. O motorista Moacyr disse que foi fechado por uma carreta, que vinha da Parada de Lucas. O caminhão virou e ficou voltado na direção de São Paulo. A carga de seis mil mamões espalhou-se pela estrada. Até aí um desastre normal. Como tantos outros. Mas de repente começa o anormal (ou talvez o normal) de tais desastres que têm uma carga aproveitável, como feijão, frutas, verduras, óleo, arroz, café, etc. etc.

Moacyr, honrado e fiel, tentou defender a carga do patrão. Pegou um pau e postou-se na defensiva.

É que, à notícia gratificante de "papaia na pista", ocorreu a multidão dos fregueses.

Eram todos pessoas de alto nível social? Suponhamos que entre os pilhadores estavam alguns empresários, donos de supermercados, alguns padres e bispos, alguns coronéis e generais, alguns embaixadores, alguns donos e diretores de bancos. Enfim a fina flor social. O dono de um canal de TV, vários jornalistas e donos de jornais, também se fizeram presente.

Não parece estranho, meu irmão, que pessoas de alta categoria social, elites poderosas, se humilhem a tal ponto? procurem aproveitar um desastre, para matar a fome?

Confesso que fantasiei. Confesso que nunca sucederá que as elites baixem de sua dignidade, sujem sua categoria, esqueçam a cidadania que a Constituição garante a todos os brasileiros.

A realidade foi normal. Como em tantas vezes no passado, quem ocorreu pressuroso ao lugar do desastre foram os pobres, os miseráveis, os favelados, os pequenos assalariados, aqueles que a sociedade bem-pensante marcou de penúria e carência total.

Para quem vive na incerteza do dia de amanhã, quem vive passando fome, quem vive de um salário de fome, quem não sabe a quem recorrer para ganhar o salário digno da condição de filho de Deus e de cidadão, os desastres de caminhões carregados de qualquer alimento, são um presente inesperado de Deus. "Deus escreve certo por linhas tortas": avancem, gente, aproveitem.

O jornal comunica a notícia. Sem fazer comentário. Notícia apenas. Mas nós que lemos a reportagem e vemos na foto a multidão sófrega em aproveitar o maná caído do céu, não podemos suprimir nosso espanto.

Como é possível, Santo Deus, baixar tanto!

Por que o nosso Povo baixa tanto?

O jornal diz que entre os pilhadores havia motoristas de gravata, pulando de seus carros para fazer a feira inesperada de papaia. Será gente fina que por diletantismo também quer participar da colheita. Mas

a maioria das pessoas que conquistam uma, duas, três, dez papaias, são gente do Povo, pessoas que passam necessidade, pessoas que pareciam pertencer a uma classe média emergente, mas, atingidos pela inflação e pela crise econômica, chegaram também ao estado de pobreza, bem perto da miséria. Além desses pequenos burgueses esvaziados, ali estão, famintos, ansiosos, felizes com a presa (como Deus

é bom!), operários e filhos de operários, faxineiras e filhas de faxineiras que, apesar do trabalho pesado, não conseguem ganhar o necessário para uma vida digna de cidadãos.

Enquanto isto, o outro Brasil desfruta suas mordomias e privilégios escandalosos. E os cristãos de poder decisório?

## ECUMENISMO E BÍBLIA SAGRADA

*Adriano, bispo diocesano*

No Decreto intitulado "A reintegração da unidade", o Concílio Vaticano II (1962-1965) assumiu oficialmente o movimento ecumênico como dimensão própria e urgente da Igreja Católica. Esta atitude foi um grande passo que a Igreja deu numa estrada, antes considerada com suspeita e mesmo com hostilidade. A Igreja quis partilhar do esforço de unidade, assumido pelas Igrejas cristãs.

As diferenças entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, entre a Igreja Católica e as Igrejas da Reforma estão aí, são diferenças reais, muitas são diferenças graves, que não podem ser disfarçadas ou negadas.

Como eliminar o escândalo dado pelos cristãos àquelas que não conhecem Jesus Cristo e se vêem diante de Igrejas divididas e mesmo inimigas? Como chegar à unidade?

Um dos primeiros recursos está, certamente, em acentuarmos e vivermos aquilo que, apesar de todas as diferenças, temos em comum. E um bem comum é certamente a Bíblia Sagrada (embora aqui também haja algumas divergências). Todas as Igrejas cristãs são unânimes em considerar a Sagrada Escritura como a Palavra de Deus, como a Revelação do Deus de Amor, como a mensagem de Deus e de Jesus Cristo para a salvação do mundo.

Na Bíblia encontramos um valor de referência que nos aproxima.

Graças a Deus, vai crescendo entre nós católicos o amor aos Livros Santos. Para os católicos não bastam apenas os trechos bíblicos que se lêem na celebração litúrgica, sobretudo na S. Missa (antes do Concílio esses trechos eram lidos em latim...). A Bíblia deve estar mais dentro da vida do cristão. Deve ser um alimento forte e freqüente.

Uma novidade que tem crescido surpreendentemente: a propagação dos chamados Círculos Bíblicos.

Grupos de pessoas que se reúnem ou na igreja ou, mais freqüentemente, em casas de família, para ler, meditar e tirar conseqüências práticas da leitura da Bíblia. A Comissão Diocesana (onde existe) prepara comentários sólidos e fáceis que ajudam na leitura e na reflexão. São comentários úteis, porque fornecem às pessoas dados objetivos, históricos, geográficos, teológicos etc., importantes para uma compreensão mais exata. Outro aspecto (que as Igrejas protestantes discutem e, mesmo, rejeitam) importante para nós católicos é a autoridade do Magistério eclesiástico que recebeu do Espírito Santo a missão de preservar a Fé, de interpretar devidamente os Livros Santos. Por mais importante que seja a ação do Espírito Santo sobre aquele que, com um coração de pobre, com sentimentos de criança, lê os textos bíblicos, há dificuldades de compreensão que não podem ser esclarecidas só por uma pretensa iluminação do Espírito. Há dados humanos na Bíblia Sagrada que têm de ser conhecidos, para preservar a compreensão do sentido genuíno. Lendo a Bíblia, devemos lembrar-nos sempre do progresso das revelações de Deus, de sorte que não será possível entender e interpretar os textos sagrados um por um, isolados, fora do seu contexto universal da divina Revelação.

Graças ao esforço, generoso e doloroso, de preservar a Bíblia Sagrada como herança comum, vamos-nos aproximando, nós católicos, de muitos irmãos de Igrejas protestantes. Vamos crescendo nos sentimentos de Jesus Cristo que "existindo com natureza de Deus não reteve para si com ciúme o ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a natureza de escravo e fazendo-se semelhante aos homens e sendo tido em conta de homem..." (Fl 2,6-7). A Bíblia supõe despojamento, pobreza, humildade para ser entendida.

## LIÇÕES POLÍTICAS

*Adriano, bispo diocesano*

Em sentido pleno, Democrata é um ideal desafiador. Inclusive naqueles países, como a Suíça, que parecem ser Democracias bem estruturadas. Isto vale melhor ainda para o nosso País que, a bem dizer, nunca teve uma autêntica forma democrática de Governo. Olhando nossos cem anos de República que celebramos precisamente no dia em que nosso Povo, depois de um longo jejum, vai de novo eleger por voto direto o seu Presidente, temos a impressão de que, fora os períodos de ditadura civil ou militar, tem sido mais oligarquia ou aristocracia do que Democracia, o sistema político que determinou a Política do Brasil.

Olhando os cem anos de República, verificamos com tristeza que somos um Povo dividido, de cima abaixo:

de um lado a minoria (20 a 25%) que tem nas mãos todo o poder, que governa o Brasil a seu bel-prazer, que faz e interpreta as leis de acordo com o interesse das elites dominantes; do outro lado a grande maioria (75 a 80%) de brasileiros marginalizados, o Povão, que tradicionalmente é colocado à margem do processo social. Aí está um Brasil que vale como a oitava economia do mundo e, ao mesmo tempo, outro Brasil que se conta entre os mais miseráveis do planeta.

Será que os 22 candidatos à Presidência se dão conta desta lamentável esquizofrenia social? Será que alguns deles perceberam que a matriz de quase todos os nossos problemas é o problema fundamental de nossa múltipla esquizofrenia? Somos um país dividido. Um Povo fraco. Uma nação incapaz de assumir convicentemente os seus destinos. A frase que se atribui

a um De Gaule — o Brasil não é um país sério —, vale não para o nosso Povão, vale, sim, para as nossas elites.

O processo eleitoral que estamos vivendo atualmente parece demonstrar que as elites é que não são sérias. Será que as nossas experiências políticas e também as experiências políticas de outros países não puderam despertar nos legisladores brasileiros uma lei eleitoral que evitasse a proliferação insensata dos partidos políticos e o doloroso, lamentável fenômeno de um candidato surgido, de última hora, quinze dias antes das eleições? Como atribuir seriedade às elites políticas que se prestam ao ridículo de conchavar por todos os meios a renúncia de um candidato inexpressivo apresentado por um partido também inexpressivo, para que desse lugar a um candidato auto-hipnotizado por sua popularidade de auditório?

Apesar de todos os males cívicos que estamos vendo e vivendo, creio que podemos, mesmo assim, entender as lições do nosso momento político.

Em primeiro lugar que se impõe um esforço generalizado, em todos os setores sociais, para integrar

o Povão no processo social. A divisão é o nosso mal por excelência. A integração do Povo brasileiro é o desafio e também o remédio indispensável.

Nossas elites vivem num total deslumbramento. Sei que há muitas e honrosas exceções. Há nas elites políticas, empresariais, culturais, tecnológicas, militares brasileiros dignos pessoalmente e sensíveis à miséria generalizada do nosso Povo. Sei que há esforço, inclusive da Igreja, para conscientizar o Povão de sua dignidade, de seus direitos, de sua cidadania. Nos meus já vinte e três anos de Baixada Fluminense tenho verificado que o Povo cresceu e sente, na carne, tanto a sua marginalização quanto o dever de assumir a sua história. Sim, a Igreja — posso dizer mesmo: as Igrejas colaboraram, também no período da ditadura militar, para conscientizar o Povão. Da união perseverante das elites sensíveis para o bem da Pátria com o esforço mais intenso das Igrejas e, sobretudo, com o crescimento do Povão despontará um novo Brasil que corresponderá melhor às nossas esperanças.

## DIGNA COMEMORAÇÃO DE UM CENTENÁRIO

*Adriano, bispo diocesano*

Celebramos no dia 15 de novembro deste ano o primeiro centenário da proclamação da República no Brasil. E celebramos da maneira mais digna que poderíamos imaginar.

Como tantos acontecimentos antes e depois, a República nasceu no Brasil em consequência de movimentos de elite conjugados. A Questão Militar abalou os alicerces do Império. A Questão Religiosa pôs a nu a prepotência de um Estado que se dava como liberal, mas, na velha tradição portuguesa dominava completamente a Igreja. A Igreja Católica era a Igreja oficial do Império. Aos católicos daquele tempo, de modo particular ao clero, o fato de a Igreja Católica ser a Igreja do Império, parecia justo e vantajoso. Não se davam conta da sujeição da Igreja ao poder civil que, na linha do josefinismo austríaco, imobilizava e esterilizava a Igreja na sua Pastoral.

A República, ideologizada pelo Positivismo, parecia o inimigo da Igreja, de modo particular porque trouxe a separação entre Estado e Igreja, o Estado leigo, o Liberalismo. Mas não foi este o caso. Ao contrário. Ao contrário de outros países, como por exemplo França e Portugal, a República no Brasil trouxe a liberdade para a Igreja. Daí em diante a Igreja Católica, que, por ser Igreja oficial, via-se manietada em todas as suas maneiras de agir e de exprimir-se, tornou-se independente e pôde seguir, em liberdade, o seu próprio caminho.

Foram cem anos de História rica e variada. Podemos talvez dizer que temos sido um Povo à procura de sua identidade profunda. Infelizmente a herança de um Povo dividido que recebemos do período colonial e do Império, ainda nos marca profundamente. Ainda sofremos as consequências da esquizofrenia social que até agora tem marcado a nossa vida na-

cional: de um lado “o Povo do poder”, uns 20 a 25% de nossa população, e do outro, “o Povo marginalizado”, uns 75 a 80%. Enquanto “o Povo do poder” detém todo poder de decisão e de comando, que muitas vezes atinge e ultrapassa os limites da opressão social, “o Povo marginalizado” vive à margem do processo social, recebendo ordens, recebendo as migalhas que caem da mesa dos poderosos. Essa esquizofrenia não é nossa identidade, apesar das aparências que duram já vários séculos. Somente quando se der a integração essencial entre os dois Brasis, entre os dois segmentos do Povo brasileiro, encontraremos nossa identidade nacional. Convém lembrar que é no Povão marginalizado onde se deparam as qualidades mais profundas e mais claras do que será a identidade do Povo brasileiro integrado, no futuro. Um passo adiante neste processo de integração das elites com o povão julgo ser a eleição presidencial deste ano e deste 15 de novembro, a primeira eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República desde 1960. De Norte a Sul e de Leste a Oeste tem sido um espetáculo de esperança a participação do Povo no processo eleitoral. Mesmo as fraquezas da Lei Eleitoral — admitindo tantos candidatos e tantos partidos — têm sido um sinal da esperança cívica do brasileiro e uma expressão do desejo profundo de participar no processo social. Temos a intuição de que o Povão, apesar de tão desprezado e oprimido pelas elites do poder, está sentindo-se capaz de apressar a integração e de assumir a sua história. O Povão está demonstrando que, apesar das dificuldades, como por exemplo o analfabetismo de muitos eleitores, é capaz de eleger com seriedade e consciência.

A experiência das eleições deste ano é a melhor comemoração no centenário da proclamação da República.

## NO SEGUNDO TURNO

*Adriano, bispo diocesano*

Do primeiro turno das eleições, realizadas em 15 de novembro, sobraram dois candidatos a Presidente da República. Dois, dentre vinte e dois, para o segundo turno. Dois que vão postular os votos de oitenta milhões de eleitores. Será mais fácil a escolha?

Em certo sentido, sim: é mais fácil seguir as propostas dos dois candidatos, sobretudo no que diz res-

peito aos grandes problemas do Povo: educação para todos, saúde para todos, trabalho para todos; integração do Povão no processo social, como elemento de decisão junto com as elites; dívida interna e externa; combate à corrupção, ao clientelismo, ao cartorialismo, ao burocratismo etc. da nossa vida política e social; reforma agrária; sindicalismo; economia etc. etc. Os candidatos deveriam expor com toda clareza e concreta (não apenas em teses ou bons propósitos)

o que pretendem fazer para abrir novos rumos ao nosso País, melhor: ao nosso Povo. Cabe a todos nós ficarmos atentos, escutarmos as propostas com espírito crítico. E só então fazermos a decisão pelo candidato A ou B.

E a atitude da Igreja Católica? É bom lembrar a confusão e o desastre de algumas Igrejas protestantes que tentaram fazer uma política eclesial de conquista do poder, através dos seus candidatos. Sem esquecer o lamentável episódio de Sílvio Santos que nos cobriu de ridículo. Mais uma vez pecado de certas elites dominantes. Sim, qual será no segundo turno a posição da Igreja?

Descartando, como irrealista, a possibilidade de a Igreja alienar-se de toda a Política — a Política ficaria fora da vontade salvífica de Jesus Cristo que a passou para a Igreja —, restariam duas atitudes: a) a Igreja identifica-se com um partido ou com um candidato; b) a Igreja, sem identificar-se com qualquer partido ou candidato, assume o seu papel de Mestra também na Política. Examinemos os dois casos: Que a Igreja tem de considerar a Política como seu campo de ação evangélica também, parece conclusão de toda a mensagem de Jesus Cristo, da reflexão teológica, da experiência histórica. Mas a reflexão teológica e a experiência histórica — precisamente a experiência histórica — ensinam-nos hoje o que antigamente não foi praticado: para o seu próprio bem, para a conservação de sua liberdade e do seu profetismo, para poder em todos os casos ser a voz do Povo, a Igreja deve abster-se de toda identificação

com qualquer partido e qualquer candidato. Os Partidos Católicos de outros tempos e lugares, mais recentemente os Partidos Democratas Cristãos, mostraram claramente a desvantagem sofrida pela Igreja que com eles se identificava.

Mas se a Igreja se afasta de toda política partidária — não se identifica com os partidos nem com os candidatos — que lhe resta fazer na Política? Restabeleça um espaço importante para a formação política de seus membros, como atividade pastoral duradoura e sistemática. Independente, portanto, de períodos eleitorais. Naquela “comunhão” que S. Lucas enumera entre os elementos integrantes da Igreja (At 2,42) está o fundamento da formação política que a Igreja assume e da atuação política que os católicos, formados e conscientizados pelo ensinamento da Igreja, assumem na Cidade. Bem formados politicamente pela Igreja, os cristãos participam da Política, agrupam-se em partidos, candidatam-se — fazem tudo isto como católicos — mas não envolvem sua Igreja, não pensam em levar a Igreja à conquista do poder.

Quem dos dois candidatos? Cabe-nos eleger aquele que mais se identifica com o Povo em seu programa de Governo; aquele que mais claramente assume as grandes causas do Povo; aquele que pelo seu discurso concreto mais promete contribuir para a integração social do Povo marginalizado; aquele que se dispõe a criar mais numerosos e eficientes instrumentos de participação para o Povo. Dos próximos cinco anos vai depender muito a sorte do Povo brasileiro no futuro próximo.

## ADVENTO — CHEGADA

*Adriano, bispo diocesano*

Basta abrir os jornais. Basta ler as manchetes. Basta olhar em redor de nós. Vivemos num mundo movimentado, dinâmico, confuso. Se ouvirmos os programas de rádio e, particularmente, de televisão, aí cresce em nós o sentimento de que tudo, no mundo de hoje, é movimento, é mudança, é passagem. Somos envolvidos nessa dinâmica total, inclusive de idéias, de conceitos, de religião, de moral, de Amor. E de repente nos damos consciência de que perdemos os pontos de referência, de que num mundo relativo e fugaz estamos perdendo ou já perdemos o sentido do Absoluto. E de repente verificamos que em nós se esvaziou o lugar do Deus de nossos pais, o lugar de Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação (cf. 2Cor 3,4). Estamos sós. Vazios. Perdidos na imensidão do cosmo.

Contra este mal do século, contra este vazio existencial, não há remédio? Estaremos definitivamente condenados ao desespero?

Sejamos abertos ou não, tenhamos um coração de criança ou não, tenhamos Fé ou não, a Igreja que, apesar do espírito do mundo que nos contagia, apesar de nossas misérias cristãs (pretensamente cristãs), estará, por graça de preservação que vem do Espírito Santo, amarrada a Jesus Cristo, — esta Igreja nos recorda, com uma fidelidade tocante, que Jesus Cristo é o salvador da humanidade.

O Advento, que é tempo de Esperança num mundo desesperado ou quase desesperado, nos aponta para a primeira vinda do Filho de Deus a este mundo. Depois da milenar expectativa do primeiro Israel, cumpre-se a promessa: “Quando veio a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher e sujeito à lei, para que remisse os que estavam sob a lei, para recebermos a condição de filhos adotivos.

Sim, vocês são filhos, pois Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho que clama: Abba — Pai querido. Daí segue que você não é mais escravo, mas filho; e se você é filho, é também herdeiro por Deus” (Gl 4,4-7).

Cristo nasceu, esperança da glória. Cristo morreu na cruz e ressuscitou, Cristo autor e aperfeiçoador da Fé. Durante as quatro semanas do Advento a Igreja nos recorda a maior maravilha de Deus realizada na história da salvação — a Encarnação do Verbo divino no seio da Virgem Puríssima, com todas as conseqüências que decorrem da Encarnação. Considerando, de vários lados, esse mistério central de nossa Fé, mostrando os grandes profetas do Antigo e do Novo Testamento, cujo representante mais privilegiado é Maria SSma., apresentando à nossa reflexão trechos da Sagrada Escritura que tratam das promessas de Deus ao seu Povo bem amado — o grande Povo de Deus espalhado pelo mundo inteiro —, a Igreja tenta abalar-nos em nosso vazio, em nosso relativismo, em nosso desespero existencial, para (re)descobrirmos as fontes da salvação. Assim a Igreja se torna para nós a referência da Esperança firme num mundo extremamente frágil.

É precisamente porque a Igreja se sente firme, porque ancorada em Jesus Cristo, porque assistida pelo Espírito Santo, que ela nos pode apontar para Jesus Cristo, nosso Salvador e esperança da glória. Ou como diz Paulo: “Tenho por certo que os padecimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que em vocês se há de manifestar. A criação espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8,18-19).

De sua firmeza em Cristo, de sua esperança da glória, é que a Igreja tira força, coragem, otimismo para enfrentar os problemas deste mundo. Em todas as áreas da existência humana. De modo particular quando se trata do vazio do nosso tempo.

## PROFETAS DO ADVENTO

*Adriano, bispo diocesano*

Para preparar-nos devidamente para o Natal de Jesus, a Liturgia recorre aos grandes profetas do Antigo e do Novo Testamento. Os profetas da Antiga Aliança apontam-nos Jesus à distância, como Aquele que virá, como o Messias prometido, para salvar o seu Povo. Os profetas da Nova Aliança têm um privilégio todo particular: apontam-nos para o Messias já chegado, como realização definitiva das promessas feitas aos patriarcas e profetas pelo Deus dos nossos Pais.

Diante de nós abrem-se ao mesmo tempo os dois grandes atos do Drama da humanidade: o 1º ato — a humanidade aguarda o Salvador, o Messias prometido, numa atitude de espera e de esperança, numa confiança total em Deus e no seu plano de Amor; o 2º ato — a humanidade canta de alegria porque se fez realidade o que Deus havia prometido: nasceu, da estirpe de Davi, Deus e homem, o Messias aguardado com tanta ansiedade pelo Povo de Israel. Com Jesus Cristo, o Verbo de Deus que veio armar sua tenda definitivamente no meio de nós (cf. Jo 1,14), a história da salvação atinge o seu ponto alto, entra numa fase que começa com o natal de Jesus e terminará na segunda vinda, em tempo indeterminado, para julgar os vivos e os mortos.

O tempo litúrgico do Advento recorda-nos vivamente a expectativa de Israel, até a primeira vinda na manjedoura de Belém — um fato histórico irreversível. Mas lembra-nos ao mesmo tempo a segunda vinda de Jesus, em glória e majestade no fim dos tempos, para concluir o plano salvífico do Pai. Estamos, como Igreja peregrina, entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo. Caminhamos nos caminhos do tempo entre a redenção já começada mas não ainda consumada. Nessa caminhada dirige-se para Jesus, como a caminhada dos nossos Pais, em Israel. No Advento, a Igreja nos propõe à reflexão e à imitação as figuras proféticas de um Isaías, cujas profe-

cias são as mais usadas, o grande profeta que, a partir do sofrimento e das infidelidades do primeiro Israel, anuncia a esperança do Messias e da ordem nova que ele virá instaurar. Isaías não poupa a vara, para castigar o seu Povo tão leviano, mas ao mesmo tempo anuncia a justa ordem nova que Jesus vem começar: “Os humildes experimentarão alegria crescente no Senhor e os mais pobres exultarão de júbilo no Santo de Israel. Porque deixou de existir o tirano, teve fim o insolente e foram exterminados todos os malfetores, os que pela palavra acusam os outros, armam ciladas ao que repreende em público e por um nada negam ao justo o seu direito” (Is 29,19-21). O Messias trará a concórdia universal de todas as criaturas: “O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. (...) A criança de peito poderá brincar junto à cova da serpente e a criancinha porá a mão na cova da víbora” (Is 11,6-8).

João Batista, o maior de todos os profetas, situa-se na soleira das duas Alianças. E não fala outra linguagem. Denuncia de um lado a “raça de víboras”. Mas anuncia do outro lado a possibilidade de conversão e de salvação, graças ao Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Mas também a humilde escrava do Senhor, a virgem humlíma que mereceu a graça de ser Mãe do Messias, profundamente ligada à tradição profética do Povo escolhido, pode cantar o profundo canto da libertação que é o Magnificat. Com Maria cantamos, nós também, as maravilhas de Deus que depôs do trono os soberbos e exaltou os humildes; que despediu os ricos de mãos vazias e encheu os pobres de bens; que socorreu a Israel, seu servidor, lembrado da sua misericórdia... (cf. Lc 1,46-55).

Para todos nós, peregrinos dos caminhos do mundo, vale a denúncia do pecado e vale o anúncio da salvação.

## PARA O SEGUNDO TURNO

*Adriano, bispo diocesano*

- Em face do segundo turno das eleições presidenciais precisamos refletir seriamente sobre o nosso dever de voto (em certas proporções) de decidir nossa sorte nos próximos cinco anos.
- A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vários bispos, também nossa diocese, procuramos dar uns critérios gerais, que serão sempre válidos, e podem ajudar-nos a escolher melhor.
- Vale a pena recordar que na Democracia (certamente a melhor forma de Governo quando é democraticamente exercida) um critério fundamental é a participação do Povo no processo social. De modo que se poderia afirmar o seguinte princípio: A Democracia aproxima-se do seu ideal na medida em que o Povo tenha ocasiões e disponha de instrumentos eficientes de participação.
- A representação do Povo, escolhida através do voto universal, corresponde ao ideal de Democracia tanto melhor quanto melhor os representantes se sentirem Povo e assumirem, como norte de sua ação política, os interesses do próprio Povo.
- O que significa o Povo para o candidato? Que ligação profunda tem o candidato com o Povo? Que princípios estabelece o candidato para o fundamento de seu cargo? Que tem sido o Povo na vida e na ação do candidato? Que objetivos propõe o candidato para o seu Governo?
- Outro critério, complementar, poderia ser: que atitude assume o candidato em face do elitismo privilegiado de nossa Pátria? Até que ponto o candidato

se compromete com os grupos do poder a continuar privilegiando-os? Como se mostra a ação do candidato em face das forças de pressão populares, desde que representem o Povo, como tal, e não grupos populares que se privilegiam e procuram aumentar seus interesses grupais e não os interesses do Povão?

- Entre os grandes interesses do Povo, que são também interesses da Pátria comum, estão os problemas e desafios da educação, da saúde, da reforma agrária, da desburocratização, da dívida interna, da dívida externa, da integração do Povão marginalizado no processo social, da corrupção etc.

- Tomemos o problema da educação. As Constituições brasileiras sempre colocaram como princípio que a construção primária é obrigatória. Um princípio excelente que o Estado nunca, na prática, tomou a sério em âmbito nacional.

- Primeiramente sempre houve uma privilegiação do ensino em nível superior, com prejuízo do ensino médio e sobretudo primário. No ensino primário deveria estar a base comum, profunda, sólida de todos os cidadãos. Aí se encontrariam o médico e o marceneiro, o bispo e o pedreiro, a advogada e a faxineira etc. etc. Nunca aconteceu isto nos cem anos de República. A distância entre as chamadas elites e o Povão foi-se acentuando cada vez mais, até chegarmos ao ponto onde estamos. Se essa linha insensata continuar, teremos brevemente tantos doutores (concentrados em regra nas grandes cidades) que muitos deles sem mercado de trabalho, deverão procurar qualquer serviço ou (sendo inteligentes) emigrar.

CÚRIA DIOCESANA — AVISOS

**Aviso 27/89 — Provisões para 1990** — Caso não sejam revogadas expressamente, continuam válidas todas as provisões expedidas pela Cúria Diocesana, para o ano de 1990. A todos os que exercem algum serviço fraterno em nossa diocese para o bem do Povo de Deus, desejamos continuem prestando a todos os irmãos e irmãs, de modo especial aos pequenos e humildes, seu serviço da caridade pastoral. Na imitação de Jesus Cristo, nosso Mestre, que veio não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (cf. Mt 20,28).

**Aviso 28/89 — Dia Mundial da Paz — 1º de janeiro de 1990** — Como todos os anos desde Paulo VI, celebramos no primeiro dia do ano o Dia Mundial de Orações pela Paz. Em resposta aos desafios do nosso tempo o Papa indica um tema social, ligado ao trabalho da humanidade em favor da Paz. O tema deste dia Mundial da Paz é: Ecologismo. Com o lema: Paz com Deus criador — Paz com toda a criação". — O alarme veio das nações industrializadas onde se começaram a notar as conseqüências do uso indiscriminado e irracional dos bens da Natureza. Uma onda de advertências espalhou-se pelo mundo inteiro. De toda a parte chegavam testemunhos da profanação da na-

tureza pelo homem ambicioso de ganho e de progresso. Em todo o mundo desencadeou-se uma sábia reação contra excessos do progresso e da industrialização. Compartilhando as preocupações do mundo inteiro, a Igreja se engajou no momento de defesa dos bens da Natureza. — O Papa sente-se também comprometido, sobretudo porque a campanha ecológica tem um aspecto moral inegável. Para o Dia Mundial da Paz de 1990, João Paulo II enviou a todos os bispos uma bela mensagem sobre a necessidade de preservar a Natureza de todo abuso. Estabelecendo uma ligação da ecologia com a Paz, diz o Papa logo na introdução da Mensagem: "Observa-se nos nossos dias uma consciência crescente de que a paz universal está ameaçada, não apenas pela corrida aos armamentos, pelos conflitos regionais e por causa das injustiças que ainda existem no seio dos povos e entre as nações, mas também pela falta de respeito devido à natureza, pela desordenada exploração dos seus recursos e pela progressiva deterioração da qualidade de vida" (nº 1).

**Encerramento deste número: 08-12-89. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves 60 (ou: Cx. Postal 77285) — 26220 Nova Iguaçu — RJ. — Tel.: (021)767-7943.**

CALENDARIO PASTORAL (DEZEMBRO 1989)			
		08	<i>Imaculada Conceição</i> (dia santo)
		r(19h30)	RPast. 1, Catedral
01	r(14h30) Equipe Dioc. dos Clubes de Mães, CEPAL	12	r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
02	r(07h30) Com. Dioc. da Família, Cat. (08h00) Equipe Dioc. de Crisma, CEPAL (09h00) Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR (15h00) Com. Dioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL (15h00) Com. Dioc. de Juventude, CEPAL		(19h30) RPast. 4
		15	r(19h30) RPast. 7
03	r(14h30) RPast. 3	16	r(08h30) Com. Dioc. de Liturgia, CEPAL (09h00) Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
05	r(09h00) Cons. Pastoral, CENFOR (15h00) Com. Dioc. de Vocações, CEPAL	19	r(09h00) Mensal do Clero, COr. (20h00) RPast. 2
		22	r(19h30) RPast. 5
		25	<i>Natal</i>
		26	r(15h00) Com. Dioc. de Ministérios, CEPAL
		27	r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL

CALENDÁRIO SOCIAL (DEZEMBRO 1989)			
01	n(1938) Nera Laleman IMP, StEug.	15	n(1951) Helena Barrese MJC, Q-SJoão
03	n(1913) João Maria Baethge OFM, pEPedr. n(1961) José Adílson Pontes MSC, c	v(1985)	Maria Cristina da Trindade OSCI, Botafogo
04	n(1951) Maria Rosa Braga da Silva MSSp. MCouto	16	v(1978) Tereza de Maria Imaculada OSCI, Botafogo
05	n(1929) Jeanny De Vrieze ICM, RVentos		o(1962) Antônio Ribeiro Laranjeira CSSp, pMesq
06	m(1965) Mons. João Müsch	17	o(1967) Bernardo Oleskovcz OFM, pN-Conc.
07	n(1916) M. Benvenuta Ruber FB, IESA (1959) Rosa Maria da Paz OSCI, Botafogo	18	o(1938) Dom José Gonçalves da Costa CSSR, Niterói
08	v(1943) Rogéria Teixeira de Carvalho FSA, L (1969) Aparecida Rezende Cardoso FC, Viga (1985) Maria Beatriz Dias FC, Viga		n(1957) Jorge Antônio Paim dos Santos, pBRoxo-Seb.
09	v(1986) Uyara Almeida do Vale CSCr., SRita		o(1984) Jorge Antônio Paim dos Santos, pBRoxo-Seb.
10	n(1964) Maria Senhora da Cruz ISJC, Bom Pastor	m(1984)	Côn. Lauro de Souza Fraga (Itaguaí), Rio
11	v(1982) Terezinha Luiza da Silva MJC, Banco de Areia o(1977) Deolindo de Almeida Tenório CRL, pNMesq.	19	o(1981) Mário Luiz Menezes Gonçalves, pL n(1934) Angela Stockner CSCr, Tinguá
12	v(1985) Antônia Raimunda Bernardes MJC, Banco de Areia	20	o(1958) Pedro Alexandre Sobrinho pFát-SJorge
13	n(1947) Deolindo de Almeida Tenório CRL, pNMesq. (1964) Maria Cristina da Trindade OSCI, Botafogo	21	n(1938) Mateus Vivalda CEIAL, pH.
		22	o(1957) Elpídio Chilanti OFMCap., pPosse
		23	o(1945) Dom Walmor Battú Wichrowski, Porto Alegre
		26	n(1932) José Fernandes de Sá CSSp., pQ-Conc. (1953) Gilberto Teixeira Rodrigues, pEdPassos
			o(1943) Maurício Vian, pJ
		28	o(1975) Valdir de Oliveira, pRSobrinho, Reitor Seminário
		m(1984)	Antônio Cugliana, Nova Iguaçu
		29	n(1929) Elpídio Chilanti OFMCap, pNI-Posse